

IX--A PARÁBOLA DO FILHO PRÓDIGO

Novas cristandades, assentes em comunidades reais, igrejas de Corinto, de Efeso, de Paris, de Lisboa, do Barreiro. Falamos muito disto.

— Com que então, perguntamos, o pensamento será transformar as nossas secções operárias à base da paróquia em qualquer coisa semelhante a uma paróquia?

— Ou a uma missão, se preferir. Naquela massa que é a secção de fábrica, de escritório, de «quartier», meter o fermento cristão. Não basta descentralizar as paróquias em sectores. É preciso ir mais longe. Criar toda uma série de pequenas comunidades de cristãos, com o seu Padre à frente, para fermentar todo o ambiente, para conquistar o meio, para fazer desaparecer o paganismo dos nossos países que já foram cristãos.

— E a falta de clero?

— Vai-se suprindo, conforme se pode, com os leigos, aproveitando-os tais quais eles são. Aproveitado a Acção Católica.

— E parece-lhe que a Acção Católica será capaz de se adaptar a estes métodos?

— Na medida em que levarmos a sua especialização às exigências missionárias. Especialização de organismos, mas também especialização dentro dos próprios organismos. Quere um exemplo irizante? A J. O. C. Como poderia ela conquistar o meio operário se fôsse, pouco ou muito, dirigida por gente que não fôsse do

«meio»? Nunca seria capaz de falar linguagem que os operários entendessem. Mas nos operários há muitos meios: empregados, operários, caixeiros, proletariado, baixo proletariado. Além disso, a idade: um rapaz de 14 aos 17 anos não pensa como um dos 17 aos 21, nem um destes como um dos 21 aos 25 anos. Se não especializarmos tudo isto, trabalharemos com resultados medíocres. Adaptemo-nos às realidades, não tentemos adaptar as realidades a nós. Tem sido esse o grande erro.

— Vejo assim mais difícil a unidade...

— Se os fizermos cristãos, a unidade é automática. Aliás não se esqueça de S. Paulo: «porventura todos doutores, etc.?» Unidade de espirito na diferenciação de culturas.

Porventura uma cristandade de malaios ou de chinezes, adaptada à vida deles, é um ataque à unidade da Igreja? Por amor de Deus!

— Mas eu tenho reparado que nós dificilmente nos convencemos. Como havemos de pegar nos rapazes ou nos homens da descarga nos portos e fazer com eles uma cristandade?

Esses homens desceram tão baixo...

— Mas... Cristo não os ama?

— Ama.

— Pois então, têm de saber quem Ele é, de saber que Ele os ama e que re ser amado deles.

— De acordo, mas primeiro que

um deles se possa fazer cristão, meu Deus!

— Pois é ter conta dessa realidade. Tomá-lo como ele é. Ensinar-lhe qualquer coisa, ter paciência, restaurar o catecumenato. Parece-me que deveremos acabar com os «casamen-

(Continua na 2.ª página)

(Continuação da 2.ª página)

tos» para receber um subsídio, um emprego, ou qualquer outra coisa. Baptizá-los só quando estiverem preparados. Enquanto o não estiverem, a comunidade cristã terá paciência, aceitá-los-á, como eles são com todos os seus defeitos e vícios. Tudo isso desaparecerá, pouco a pouco, pela acção do Espírito Santo. Os primeiros cristãos não começaram por destruir a escravatura, mas por tornar os «senhores» e os escravos, melhores «senhores» e melhores escravos, apesar da escravatura. Não procuraram mudar as instituições, mas os homens, tornando-os tais como eram.

— Mas se a gente pega num operário, a cuspir no chão, a dizer palavras, a faltar à missa e o coloca assim numa secção, isso é um escândalo para os nossos cristãos.

— É a tal coisa da parábola do Filho pródigo.

— Do filho pródigo????

— Não conhece a parábola?

— Então não a hei-de conhecer?!

— A parábola tem muita lição a tirar que a gente esquece.

Ora repare na minúcia dos pormenores. O bom filho, o que ficou em casa, quando o outro chegou todo esfarrapado, sujo, magro, doente, uma ruína moral, e o Pai se abraçou a ele, o adornou, e ainda por cima mandou fazer um grande festim, que fez ele, o que tinha ficado em casa?

— Refilou... escandalizou-se...

— Ora então aplique a parábola ao caso. O Pai está sempre pronto a receber os filhos pródigos. Eles sabem-no (e a parábola o deixa entender). Não é portanto por culpa do Pai que eles não regressam.

— É por culpa nossa, por culpa dos irmãos mais velhos...

— «Exactamente! No dia em que deixamos de fazer as cenas que fez o da parábola, no dia em que deixamos de ter a mentalidade estreita do filho mais velho, e que Cristo condena na parábola, ou melhor, no dia em que nos deixamos possuir da

mentalidade do Pai, a classe operária regressará à casa paterna».

Demo-nos por convencidos.

— Mas vai ser bem difícil renunciar à mentalidade criada há tanto tempo, que é como uma segunda natureza. Que a Caridade de Deus, difundida pelo Espírito Santo em nossos corações, encontre, daqui por diante, as portas abertas à sua acção.

Vimos meditando na parábola há mais de um mês.

Tínhamos de concluir a entrevista.

— Padre Hollande, como começaram vocês a Missão de Paris?

— Fomos um grupo de antigos assistentes jocistas que nos reunimos em Lisieux, num retiro de um mês. O livro «France, pays de mission», antes de ser livro, foi um relatório de dois assistentes da Acção Católica, mandado ao seu Bispo, sobre os problemas parisienses. O Cardeal Suhard encarregou então o P.º Godin

de recolher uma equipe de Padres capazes de encararem de frente o problema. O P.º Godin recrutou a equipe e partimos em preparação. Começamos com 6 Padres e alguns leigos.

Fizemos o nosso juramento e, no dia em que inaugurámos oficialmente os nossos trabalhos — o Senhor pediu o sacrifício daquele que era o nosso chefe e nosso animador. O P.º Godin, um dos autores de «France, pays de mission», morreu acidentalmente, oferecendo o sacrifício da sua vida pela «Missão de Paris»...

O P.º Hollande, levantou então os olhos e apontou-nos um retrato, pendurado sobre a sua tosca secretária:

— Era este, disse comovido. Era um santo... Godin é um santo.

Não é difícil acreditá-lo. Um Padre a quem o Senhor tanto revelou — e para o saber basta ler os seus livros, sobretudo, «France, pays de Mission?» — e a quem pediu tamanho sacrifício, deveria ser um santo.